A Génese do Karate em Portugal

1963–1969

Volume 1

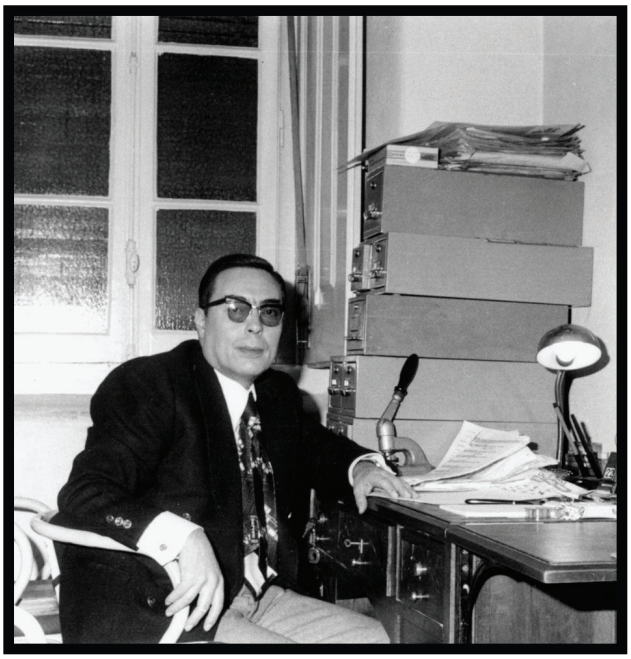
Edição do Autor.

Paginação: Mapril Santos, NCreatures

Impressão e encadernação: Dinocópia

Tiragem desta edição limitada: 55 exemplares

Copyright © 2009, José António Gomes Patrão



Dr. Pires Martins, fundador do Karate em Portugal.

Secretaria da Academia de Budo, 1975

Agradecimentos:

O mérito desta obra pertence, pouquíssimo a quem a apresenta e muitíssimo a todos aqueles que quiseram prestar depoimentos, dispor-se a ser entrevistados ou mesmo escrever algum texto e disponibilizar documentos preciosos para o seu enriquecimento.

A todas essas pessoas – D. Maria Helena Pecante, Mestre José Araújo, Mestre António Cacho, Mestre Manuel Ceia, Mestre Alexandre Gueifão, Mestre Vilaça Pinto, Professor Doutor Fragoso Fernandes e Professor Doutor Miguel Baêna – desejo expressar os meus profundos agradecimentos em nome de todos os *Karate-deshi* portugueses que se interessam pela história da nossa arte em Portugal.

Ao Mestre Leopoldo Ferreira, pessoa da "segunda geração" – a geração de 1970 a que me orgulho de também pertencer – gostaria de endereçar os meus agradecimentos pelo Posfácio deste livro, escrito dessa maneira directa e sincera que caracteriza a sua personalidade de verdadeiro budoca. Possam as suas palavras encorajar outros da nossa geração a continuar a investigar, e divulgar, a história do Karate em Portugal, de que este modesto contributo poderá um dia fazer parte.

Ao Sr. João Salgado, Presidente da Federação Nacional de Karate-Portugal, deixo o meu agradecimento pessoal e institucional, pois que, para além do excelente Prefácio com que quis honrar esta obra, foi quem partilhou, desde o primeiro momento, a visão do interesse histórico e antropológico que este livro poderia vir a ter para o Karate em particular e para o Desporto e Cultura em geral. A si caro Sr. Presidente, meu amigo, deixo o meu sincero obrigado pelo apoio incondicional à materialização desta obra.

Não poderia terminar sem uma palavra de agradecimento a todos os membros do Centro de Artes Orientais e pessoas do núcleo de Almada da Associação Shotokai de Portugal que, de forma anónima e desinteressada, tanto contribuíram para a sua execução.

Finalmente a toda a equipa da NCreatures e especialmente ao Mapril que, resistindo à intensa pressão de prazo que estes trabalhos sempre implicam, conseguiu realizar com sucesso a tarefa de paginação desta obra.

Finalmente à Teresa minha secretária, sócia e amiga os meus agradecimentos pela ajuda preciosa em tempo e dedicação, profissional e pessoal, na transcrição deste texto e sobretudo pelo apoio permanente e pela sua generosidade e compreensão.

A todos, do fundo do meu coração,
Obrigado!

José Patrão

Indice

Prefácio	7
Preâmbulo	11
Introdução	13
O Dr. Pires Martins e a União Portuguesa de Budo	17
A Génese do Karate no Porto	23
A Academia de Budo e a génese do Karaté	35
À volta de Homens com sério Código de Honra	45
O berço do Karate português	51
Génese do Karate em Portugal	55
Tempos de Budo… Tempos de Saudade…	57
Posfácio	61

FAJKO

全空連誉第106号

段位証書

ジョアンルイス フランコ ピイレス マルティンス

あなたは多年貴地における空手道
の研鑽と発展に多大の貢献をされ
ましたので これその功績を讃え特に
名誉四段を贈呈いたします

昭和46年8月31日

財団法人全日本空手道連盟
会長 笹川良一

CERTIFICATE OF DAN

Presented to Mr. João Luis Franco Pires Martins

In appreciation of services rendered in the study and development of Karate-Do for many years, and in consideration of the progress achieved in the field I hereby bestow the honorary title of 4 dan on you as a special distinction.

Date. 31st August 1971

Ryoichi Sasakawa

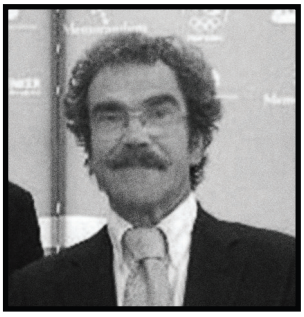
Ryoichi Sasakawa
President
Federation of All Japan Karate-Do Organizations

Diploma honorífico do Dr. Pires Martins

Prefácio

João Salgado

O propósito de trazer aos nossos dias a memória da consciência e da vivência do Karate, em Portugal, no período de 1963 a 1969, remete-nos a uma análise sobre a sua génese e sobre o nexo de causalidade sequencial dos acontecimentos nesse domínio, no nosso país, segundo a sua perspectiva histórica, representando um enorme valor de conhecimento e, acima de tudo, um activo único de consciencialização antropológica, com extraordinária relevância, principalmente, por três ordens de razões.



A primeira, porque se trata de estudar, de compreender e de gerar conhecimento sobre o homem, nas suas múltiplas dimensões, em torno do desporto em geral, e do Karate, em particular, segundo o seu processo evolutivo, no espaço e no tempo. A segunda, porque representa o grau de consciencialização e de avaliação dos níveis atingidos e dos principais desafios que se colocam nos dias de hoje ao Karate. Por fim, mas não por último, a que diz respeito à visão e à responsabilidade séria e humilde, de contribuir para um legado melhor para o Karate e para as gerações vindouras, no domínio da sua história e da sua investigação, segundo uma perspectiva holística, abrangendo áreas como a educação, a formação e a investigação, como a saúde e o desenvolvimento, e também quanto aos seus aspectos sociológicos.

Assim, um dos vectores primordiais do presente livro é o seu enfoque nos valores, na educação e no ensino do Karate em Portugal, segundo uma perspectiva histórica, atendendo, de modo particular, ao período ímpar compreendido entre 1963 e 1969.

Neste contexto, celebra-se em 2009 uma data especial. Faz este ano, 45 anos, portanto, que o ensino do Karate se formalizou no nosso país. De facto, a 8

de Janeiro de 1964 foi atribuído, pela União Portuguesa de Budo, ao Dr. Pires Martins, o 1º título de Agente de Ensino de Karate em Portugal.

Neste ano tão simbólico para o Karate em Portugal, quis a FNK-P dar o seu máximo apoio à iniciativa do Sr. José Patrão, de recolher em livro testemunhos dos pioneiros do Karate em Portugal no período 1963/1969.

Não é possível compreender o presente e alcançar os desafios que hoje se nos colocam, e muito menos perspectivar o futuro e as suas linhas de transformação, sem termos consciência dos valores e da história que contribuíram para que chegássemos ao ponto em que nos encontramos actualmente.

Os símbolos, os valores e os seus testemunhos desses longínquos tempos atestam que o Karate era um só! Na realidade, não havia diferentes estilos, nem linhas diferenciadas no domínio do Karate, e a vivência e a aprendizagem do seu ensino era levada a cabo com bastantes dificuldades, nomeadamente, no que se refere ao acesso aos recursos mais básicos, mas nem por isso, os objectivos em favor do Karate deixavam de ser concretizados. Com a era da globalização ainda num horizonte invisível, a informação de suporte à aprendizagem do ensino do Karate era escassa, e, por outro lado, os Mestres de Karate japoneses ainda rareavam na Europa. Assim, os poucos livros e filmes a que se tinha acesso eram avidamente estudados por esses pioneiros, liderados, naquela altura, pelo saudoso Dr. Pires Martins.

O mais importante é que desses tempos, e desses testemunhos guardam-se activos extraordinários, de verdadeiro companheirismo, de entreajuda, de humildade e de generosidade.

Os da "geração seguinte", a geração dos anos de 1970, ainda escutaram alguns ecos dessa época gloriosa e misteriosa, mas, o que nunca mais tiveram, desde então, foi o "Karate como um só". E, tal como, no efeito de Doppler, as gerações posteriores têm uma perspectiva ainda mais "distorcida" do fenómeno, pois "observam-no" com um comprimento de onda maior, pois essa fonte ainda se tornou mais longínqua em relação à sua posição de observadores. Na verdade, nos nossos dias, constata-se de forma generalizada, a vivência dessa distorção e desse decréscimo de "energia" experimentado em relação à visão e consciência que se tem do fenómeno que era o Karate desse tempo.

Mas, a evolução da história também é feita de ciclos e, dentro dessa perspectiva, o objectivo de unificação do Karate Nacional está hoje mais presente do que nunca, e é o que a Federação Nacional de Karate - Portugal procura, no dia-a-dia, conseguir atingir.

Essa é a unificação que buscamos hoje – esse verdadeiro desafio e desígnio de que os karatecas portugueses vejam o Karate como um só, muito para além dos estilos e das escolas, dos mestres, dos instrutores, dos professores e dos investigadores.

Essa unidade que buscamos, agora num contexto de globalização, é, afinal, a mesma que os mestres, os estudiosos e os praticantes, desses primeiros tempos, ainda tinham e também a que, neste livro, se pretende testemunhar e transmitir às gerações actuais e vindouras, pela sua importância, pela sua unicidade, e pelo exemplo dos seus símbolos, dos seus valores, das suas atitudes e comportamentos que melhoram, de modo estruturado, o Karate, os indivíduos e a sociedade em geral.

João Salgado
Presidente da Federação Nacional
de Karate – Portugal

Preâmbulo

Maria Helena Pecante

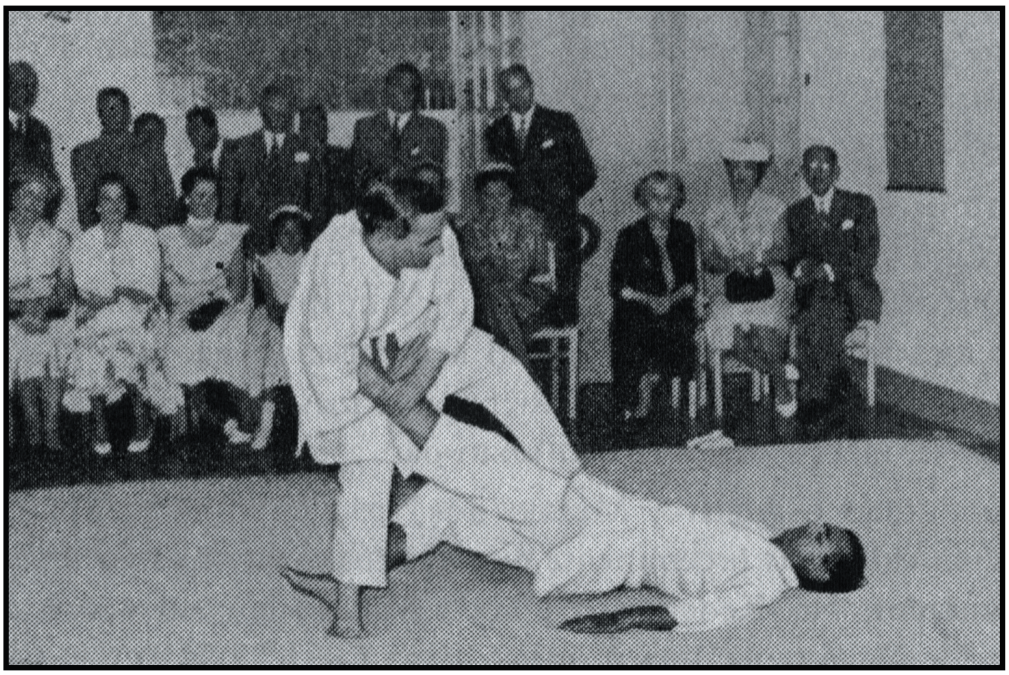
Pode afirmar-se que a UBU, a que hoje temos o orgulho de pertencer, é o resultado do esforço feito ao longo de muitas décadas por aqueles que, reunidos pelo homem excepcional que foi o Mestre Corrêa Pereira, seu fundador, se deixaram deslumbrar pelo fascínio das artes marciais japonesas, no período de pós-guerra de 1939 – 1945.

A primeira dessas artes a ser introduzidas em Portugal foi o Judo, que se praticava em Lisboa, no dojo da Rua de S. Paulo. Aí se manteve em toda a pureza da sua filosofia, como arte de combate, muito distante da concepção de mera disciplina desportiva, de competição, que mais tarde se viria a impor no mundo ocidental.

A fidelidade de Mestre Corrêa Pereira à essência do judo tradicional japonês e a sua concepção marcial do ensino praticado na academia facilitaram a entrada de outros ramos do Budo, praticamente desconhecidos entre nós.

Entre os pioneiros desses tempos heróicos, merece uma referência muito especial o Dr. João Luis Franco Pires Martins, que se inscrevera na Academia como simples judoka, mas que se deixou entusiasmar pela primeira demonstração de Karate-do feita em Portugal, no dojo da Rua de S. Paulo, em 1959. Tão grande foi o seu entusiasmo que, em 1963, depois de alguns estágios feitos em França, já introduz o ensino regular dessa arte, de que se tornou grande divulgador, no novo dojo de Entrecampos.

Embora por motivos de ordem familiar – a prolongada doença da mãe, de que esta viria a falecer, os encargos daí resultantes e a sua residência quase permanente em Estremoz – o tenham levado a afastar-se gradualmente do nosso convívio e da prática das artes marciais, a sua influência mantém-se ainda hoje bem viva nos antigos alunos que, fiéis aos seus ensinamentos, lhe seguem as pisadas e, na UBU, continuam a transmitir às gerações mais novas, as técnicas do uso das "mãos vazias" e dos pés como método de defesa pessoal.



Mencionar aqui os seus nomes parece-me desnecessário. Irão encontrá-los subscrevendo os artigos que constituem este livro: são os testemunhos reais, sinceros, vivos daqueles que privaram com o Mestre Pires Martins, que aproveitaram os seus ensinamentos, que beneficiaram da sua boa-disposição, do seu amor pela liberdade de escolher o seu próprio ritmo de vida – gostava de se deitar tarde e de se levantar quando a hora do almoço já ia longe. Apreciava beber um copo numa roda de amigos, oferecia em sua casa boas ceias e preparava ele próprio uma sopa deliciosa de que nunca revelou o segredo. Participava em tertúlias noite fora, dissertava sobre os males do mundo e a maneira de os resolver. O seu bom-humor e o seu jeito de *bon-vivant* dissipavam qualquer hipótese de conflito que eventualmente pudesse surgir. Não admira assim, que uns anos depois do seu afastamento e uns escassos dois anos após a sua morte, os seus alunos – muitos deles hoje professores na UBU e noutras instituições – aqui lhe queiram deixar o seu testemunho e o seu "Muito obrigado".

Maria Helena Pecante
5 de Agosto de 2009

Introdução

"Tudo o que sobe converge."
P. Teilhard de Chardin

José Patrão

E se o Karate de ontem fosse um só?
E se o Karate de amanhã fosse um só?

E se toda a diversidade daquilo a que hoje chamamos "Karate" fosse entendida como uma riqueza, essa riqueza de expressão que é inerente a todas as formas de arte?

Não é a música sempre música, desde o rufar cadenciado de um tronco oco na floresta, às complexas harmónicas da mais elaborada das sinfonias?

Uma das experiências que mais me marcou interiormente, aconteceu aqui em Évora. E de tal forma me marcou, que por vezes dou por mim perguntando, a quem comigo partilhou essa experiência improvável – "Tu que estiveste ao meu lado, confessa: Eu sonhei, ou aquilo aconteceu mesmo?" Não sei ao certo quem terá tido o rasgo de alma de promover essa inesperada experiência, mas terá sido alguém desta comunidade luso-japonesa que vai construindo a insólita ponte Oriente-Ocidente sobre a qual este livro é lançado.

Mas o que é facto é que aconteceu aqui mesmo, nesta cidade: ecoando em uníssono pelos claustros de pedra da Sé Catedral de Nossa Senhora da Assunção, eu escutei, cânticos zen entoados por monges budistas e cânticos gregorianos entoados por freiras cristãs.

– Se foi "ao vivo"? Não, não foi só "ao vivo", foi mágico!

– Foi música? Sem dúvida!

E porque foi que se entenderam de imediato os monges e as freiras sem ensaio prévio?

Na minha humilde opinião há uma razão para isso: as duas formas de arte ali presentes, tinham percorrido, por dissemelhantes percursos, séculos e séculos de amadurecimento, de crescimento, de assunção. E então, num momento de encanto comprovaram o que Teilhard de Chardin já nos tinha revelado: É que, de facto, "tudo o que sobe converge".

Quando a Arte está amadurecida torna-se sublime. E então, cada interpretação, cada forma de fazer, cada kata, ressurge como um belo reflexo de uma Arte só.

Fernando Pessoa também nos disse quase o mesmo de outra forma: "Assim, em cada lago, a Lua toda brilha, porque alta vive". E o meu primeiro professor de Karate gostava de dizer: "Chegando ao cimo da montanha veremos todos os caminhos".

O velho e o menino assemelham-se.

Ao ler e escutar as palavras dos pioneiros vejo pelos seus olhos o "Karate-criança" que eles viveram.

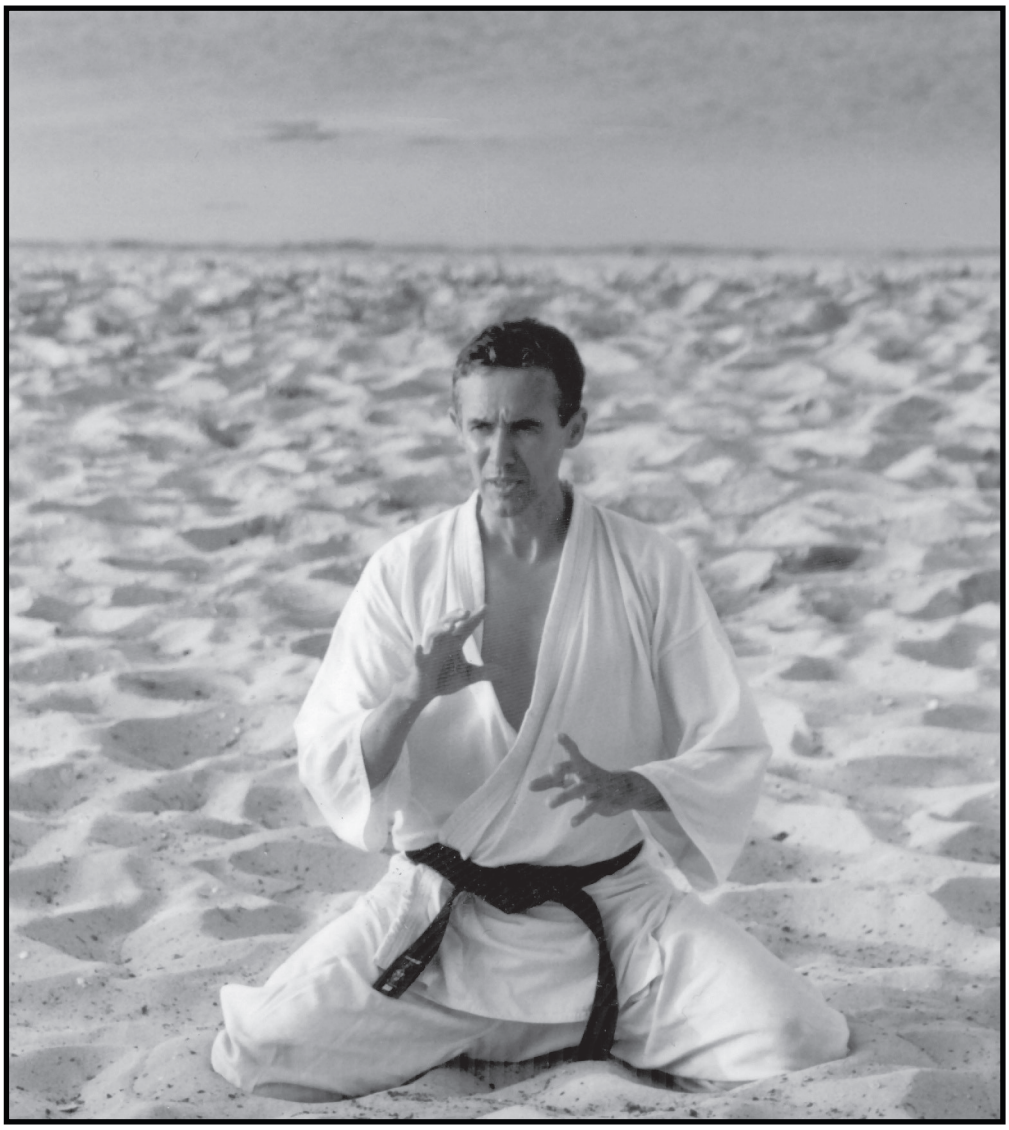
E vejo-o como um só!

O Karate de há meio-século era taikyoku – esse "nada cheio de tudo" de que os Orientais nos falam. Indiferenciado, como um céu sem nuvens, não queria saber de estilos, nem precisava de "ryu's", "kai's", ou "kan's"?

Com poucos livros e ainda menos Mestres, aprendia-se muito e muito depressa, porque se estudava com a avidez dos gaiatos na "idade dos porquês".

Pelos intervalos das palavras dos pioneiros que quiseram escrever este livro perpassa sempre a mesma genuína infantilidade.

E estou em crer que, por baixo do ar marcial das suas posturas, por dentro do ar guerreiro dos seus semblantes, ainda mais fundo do que o código de ética e de honra com que encaravam a prática, estava a atitude corajosa do infante que descobre o mundo.



Quando, há alguns meses atrás, durante a entrevista que lhe fiz para este livro, perguntei ao António Cacho – o mais antigo praticante de Karate em Portugal – se a técnica que o seu Mestre Vietnamita Tran-Huu-Ha lhe ensinava em Grenoble, era "Karate" ou "Viet-Vo-Dao", ele tele-transportou-se para 1961 e respondeu sem hesitar: "Era Karate!" Mas, mais importante que as palavras dele, foi o tom da sua resposta, como quem diz: "Oh Patrão! Eu queria lá saber disso!"

Mas até agora "eram só eles que sabiam".

Por vezes ouvíamo-los confidenciar, com um olhar cúmplice e com as costas da mão para a boca: "Oh Gueifas, e quando tu mandaste o Fragoso Fernandes

pousar os alteres, lembras-te? Catrapum! E a cara do "Martan" quando ele subiu escada acima! Ah! Ah! Ah! E o cabelo dele, cheio de caliça! Ah! Ah! Ah!"

Agora já nos podemos rir com eles, deixando-nos salpicar um pouco pelo perfume desse período maravilhoso e irrepetível.

Mas a infância não dura para sempre. O estado de graça tinha de acabar. O Karate tinha de crescer.

Em 1973, quando eu comecei, já o encontrei adolescente. Já só "o nosso" é que era bom! "O *outro* ali do lado? Ah! Isso nem é Karate! É outra coisa! Aliás, as posições e as formas deles, repara, são absolutamente ridículas! O quê? Tu atravessaste a rua e entraste no *outro-dojo*? *Vade-retro*! Estás excomungado para sempre."

Ah! Que bom que é não ter de escrever mais sobre esse tempo, sobre "o nosso tempo"! Sobre essa "adolescência-de-armário", em que nos deixámos acomodar desde há tantos, tantos anos.

Que bom que é ver como o Karate deles, dos pioneiros, era um só!

E que bom que seria se quiséssemos ajudar o Karate de hoje a passar à idade adulta. Para deixarmos de dizer:
Não! Isso não é Karate!
E passarmos a dizer:
Sim, isso é Karate, mas talvez precise de um pouco mais de treino e aperfeiçoamento. Venha daí, vamos praticar juntos!

Chegarei a ver esse dia de amanhã em que o Karate será um só? Ou será que esse amadurecimento se mede com a escala dos séculos, a tal com que se mede o tempo dos cânticos dos monges?

Uma coisa é certa: para encontrarmos esse Karate que é um só, sabemos que temos de crescer para o alto. Mas as árvores para crescer enraízam bem. E quando nos alicerçamos nas nossas raízes ficamos mais fortes.

Escutemos pois os nossos Mestres.

José Patrão
Évora, Novembro de 2009